

Burle Marx não aprova estado de seus jardins

Rever suas obras e constatar os muitos erros que foram cometidos durante sua construção e manutenção, assim como procurar sensibilizar governo do Distrito Federal da necessidade de corrigi-los são alguns dos motivos que trouxeram o paisagista e artista plástico, Roberto Burle Marx, a Brasília. Para tanto, ontem, a partir das 8 horas, ele visitou os jardins do Parque da Cidade (Python Farias), do Ministério do Exército e do Ministério das Relações Exteriores, constatando que rever seus trabalhos lhe provoca "irritação", já que o "brasileiro não respeita uma obra de arte, transformando-a sempre".

11 JUN 1985

Em sua curta temporada em Brasília, Burle Marx, a convite da Galeria Performance, realizou ontem uma conferência sobre a importância do paisagista, na sala Martins Penna. Hoje, ele lança o livro "Roberto Burle Marx e a nova visão da paisagem", de Flávio Mota, às 21 horas, na galeria Performance, 116 Sul, quando também haverá a vernissage de sua exposição de pinturas, desenhos, panôs e litografias. Entre os jardins feitos por ele em Brasília estão os da superquadra 308, do Palácio do Jaburu do Ministério da Justiça, jardins do Banco do Brasil e os visitados ontem.

Após a vistoria, o paisagista reuniu-se com a imprensa e fez um balanço do que viu. Sua maior irritação ficou a cargo dos jardins do Parque Python Farias. De acordo com Burle Marx, eles encontram-se com uma série de erros, fruto da falta de supervisão, quando em fase de construção. Na ocasião, ele ressaltou a importância de se fazer um acompanhamento da construção de um jardim para que ele saia perfeito, o que não lhe foi solicitado quando planejou a Praça das Fontes, no parque da cidade. "Fiquei irritado — disse ele — pois os construtores não entenderam minha intenção quando planejei o jardim do parque".

"Mal tratado e totalmente deturpado". Esta foi a classificação dada ao jardim da praça do ministério do Exército, pois, segundo ele, os bruritis que foram plantados em sua construção hoje não existem mais, substituídos por vegetações que não combinam com a paisagem do local. Para Burle Marx a mudança é uma agressão ao seu trabalho, pois "um jardim é uma obra de arte que deve ser respeitada e compreendida em sua função estética e funcional". Em sua visita, apenas o ministério das Relações Exteriores esteve longe das queixas, pois, de acordo ele, seus jardins foram, no decorrer destes anos, preservados conforme o projeto original.

Memo não tendo visitado o jardim do Teatro Nacional, Burle Marx, classificou de "apoteose da porcaria", que só pôde ser construído porque "a burrice foi coroada". Segundo ele, o projeto inicial foi totalmente deturpado e modificado, estando hoje descaracterizado. Devido a estas constatações, o paisagista pretende conseguir que estas áreas sejam revistas para que tais erros possam ser banidos de suas obras.

"Falta ao Brasil o espírito do pró-memória", justificou Burle Marx diante da destruição de patrimônios e obras de artes em todo o País. Segundo ele, para se construir um monumento destruem-se outros, o que não acontece em países desenvolvidos. Seus jardins, como afirmou, são vítimas deste descaso com a arte. Outro ponto lembrado pelo paisagista que demonstra o atraso do brasileiro é a preferência pela flora estrangeira.